

107 ‘casas subterrâneas’ no início do povoamento Jê Meridional em Santa Catarina: Rincão dos Albinos*

Pedro Ignácio Schmitz**

Jairo Henrique Rogge**

SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H. 107 ‘casas subterrâneas’ no início do povoamento Jê Meridional em Santa Catarina: Rincão dos Albinos. *R. Museu Arq. Etn.*, São Paulo, n. 21, p. 185-204, 2011.

Resumo: O artigo busca entender o primeiro povoamento Jê Meridional no Estado de Santa Catarina. No texto básico apresenta um sítio do planalto, com 107 ‘casas subterrâneas’, cujas datas iniciam no sexto e sétimo séculos de nossa era. A partir dele busca outros sítios com idades semelhantes, no planalto e na planície costeira, para concluir que as populações iniciais eram móveis e só podem ser captadas com certa facilidade em lugares aos quais retornavam muitas vezes, como poderiam ser pinheirais pioneiros e cemitérios coletivos. Estes primeiros sítios correspondem a um momento em que aumenta a umidade atmosférica, que favorece a expansão da Floresta com Araucária no planalto, da Mata Atlântica na encosta e da Floresta de Restinga na planície litorânea.

Palavras-chave: Jê Meridional – Primeiro povoamento – Planalto – Litoral – Santa Catarina.

Introdução

Linguistas, antropólogos e arqueólogos buscam estabelecer a origem, a trajetória e a cultura das populações da família linguística Jê no sul Brasil.

O linguista Greg Urban (1992) fala da origem da população, escrevendo que, ao redor de 3.000 anos atrás, os ancestrais do Jê Meridional se teriam afastado do núcleo central nos cerrados do Brasil Central, para começar seu deslo-

camento por cima dos altos campos do planalto meridional.

A linguista Úrsula Wiesemann (1978) informa que ali foram desenvolvidas duas línguas, a mais antiga na parte oriental do território, onde estão os Xokleng, a mais nova na parte central, onde estão os Kaingang; esta se teria diversificado em cinco dialetos regionais, assim distribuídos: os dois mais antigos no Rio Grande do Sul, depois, sucessivamente, o de Santa Catarina, do Paraná e de São Paulo.

Antropólogos e historiadores estudaram a luta pela sobrevivência dos descendentes dos grupos Jê Meridionais nos últimos séculos, quando colonos de origem européia se expandiram sobre seu território e os deixaram confi-

(*) Pesquisa realizada com auxílio do CNPq.

(**) Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS. Schmitz <anchietano@unisinios.br>; Rogge <rogge@unisinios.br>.

nados em pequenos espaços. Como exemplos podem ser vistos os trabalhos de Santos (1970), Mota (1994), Leite (1994), Marcon (1994), Tomasino (1995), Nonnenmacher (1995), Laroque (2000 e 2007).

Nos últimos cinquenta anos, os arqueólogos estiveram empenhados em estudar a trajetória daqueles grupos das savanas tropicais do Brasil Central para o frio planalto subtropical, caracterizando seus assentamentos, artefatos, fontes de subsistência, rituais, cronologia e distribuição espacial. Como amostras podem ser vistos trabalhos de Schmitz (1988) Mentz Ribeiro & Ribeiro (1985), Mentz Ribeiro (1999-2000), Copé (2006), De Masi (2006), Schmitz *et al.* (2002, 2009, 2010), Rogge & Schmitz (2009); sobre a distribuição dos sítios no Brasil Meridional, Noelli (2004); sobre os primeiros espaços ocupados, em São Paulo, Araujo (2007).

Eles descrevem seus assentamentos como pequenos conjuntos de casas e/ou com lugares de reuniões e de deposição dos mortos. Nas terras altas, com mata de araucária, mostram maior interesse pelas casas com pisos profundamente rebaixados, que chamam 'casas subterrâneas'. Mas estas ocupam espaço limitado no território do grupo, no qual também são comuns os assentamentos a céu aberto e até grandes concheiros no litoral atlântico; para estes últimos podem ser vistos: Bryan (1961), Beck (1973), Silva *et al.* (1990), Schmitz *et al.* (1993), Schmitz e Verardi (1996).

Os arqueólogos consideram artefato diagnóstico de sua cultura a cerâmica, pequena e bem feita, a qual denominam Tradição Taquara/Itararé. Entre os instrumentos líticos destacam grandes mãos-de-pilão e lâminas de machado cuidadosamente polidas, que fazem exceção numa multidão de artefatos expeditos, lascados em matéria prima local, para formar talhadores e lascas.

As fontes de abastecimento eram dadas pela natureza local, das quais se apropriavam, em amplo espectro, pela coleta, a caça e a pesca, complementando-a com alguns cultivos. A mata de araucária, na qual costumavam estabelecer-se no planalto, produz uma quantidade significativa de sementes, muito alimentícias, que podem ser usadas imediatamente e conservadas para utilização futura.

Os arqueólogos começaram a se interessar pelos rituais de tratamento dos mortos e os locais em que os restos eram guardados definitivamente. Os corpos podiam ser depositados em abrigos rochosos, comuns no planalto, enterrados na proximidade das casas, cobrindo-os com um montículo de terra, ou cremando o corpo ou os ossos secos e colocando-os num montículo cercado por um anel rebaixado, que era fechado por uma taipa de terra (Schmitz *et al.* 2002; Herberts & Müller 2007; Rogge & Schmitz 2009; De Masi 2009; Müller & Souza 2011).

Eles se dão conta de que os elementos que usam para caracterizar a cultura do Jê Meridional variam bastante regional e cronologicamente. Mesmo a cerâmica e a casa subterrânea, que pareciam firmemente associadas em sua área central, não o são em todos os casos, sendo hoje conhecidas casas subterrâneas sem cerâmica e cerâmica associada a variadas formas de assentamento. Hoje existe quem examine como possíveis assentamentos jê meridionais, sítios líticos recentes da tradição Umu da Mata Atlântica da encosta leste do Planalto Meridional (Farias 2005; Schmitz *et al.* 2009; Schmitz *et al.* 2010; Schmitz 2011; Claudino 2011).

Os sítios que os arqueólogos atribuem ao Jê Meridional são encontrados em ambiente subtropical desde São Paulo até a metade do Rio Grande do Sul e contam uma história que inicia no sexto século e termina no décimo nono de nossa era. Observando o seu início documentado, nos damos conta que faltam 1.500 anos para chegar à data que Greg Urban propôs para sua saída do Brasil Central. É verdade que ultimamente foram divulgadas datas do planalto de Santa Catarina que poderiam recuar o povoamento até meados do primeiro milênio antes de nossa era, mas essas datas ainda estão isoladas e sem contexto (Schmitz *et al.* 2009; Schmitz *et al.* 2010; Schmitz 2011 & Beber 2011).

O trabalho do arqueólogo consiste em verificar como e quando o grupo saído do Brasil Central teria criado sua característica forma de assentamento com casas subterrâneas, nas matas de araucária de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Os sítios mais antigos de Santa Catarina aparecem no planalto, em altitudes desde 800 a 1200 m. No Rio Grande do Sul localizam-se em

altitudes um pouco menores do planalto e em sua borda sudeste.

Embora as pesquisas se ocupem principalmente com o planalto, não podemos esquecer que o grupo teve assentamentos igualmente antigos na planície litorânea, onde desenvolveu uma notável variante de sua cultura, que inclui um estilo próprio de arte rupestre.

Nos últimos anos tivemos oportunidade de escavar casas subterrâneas em dois sítios antigos em Santa Catarina, um no município de Taió, na bacia do rio Itajaí do Oeste, o outro no município de São José do Cerrito, na bacia do Rio Canoas, que proporcionaram as datas mais antigas para estas estruturas. O sítio de Taió está publicado em Schmitz *et al.* (2009), o de São José do Cerrito está sendo apresentado neste artigo.

O sítio de São José do Cerrito, localizado no Rincão dos Albinos, possui 107 ‘casas subterrâneas’, é considerado o maior sítio com

este tipo de estruturas no Planalto Meridional e, sem dúvida, é o melhor lugar para discutir a formação de casas subterrâneas no Sul do Brasil (Fig. 1).

O sítio de Rincão dos Albinos

No alto esporão da borda de uma chapada, com aproximadamente 1200 m de altitude, Maria José Reis (2007) localizou um conjunto de 104 casas subterrâneas e 10 montículos, que dividiu em dois sítios, o SC-CL-70 com 36 (hoje 39) estruturas e o SC-CL-71 com 68 estruturas subterrâneas e os 10 montículos. Os dois sítios de Reis talvez não distem 100 m um do outro e formam, na realidade, um assentamento único, disposto ao longo de um pequeno banhado de altura que dá origem a um fluxo de água. Numa visão aérea o espaço aparece como uma clareira alongada coberta

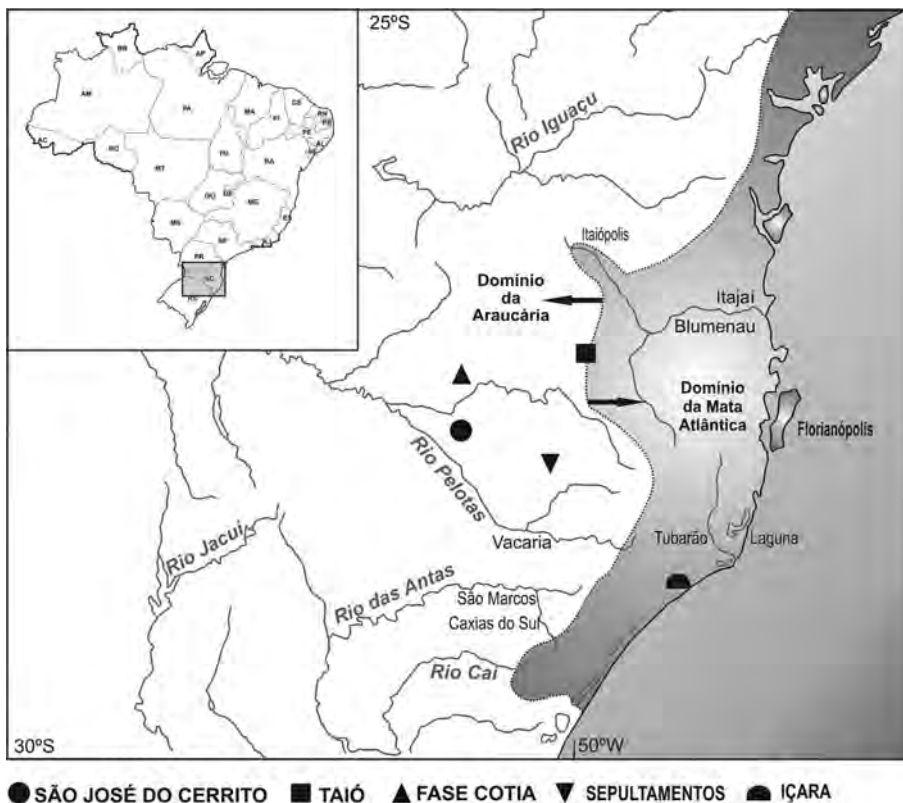


Fig. 1. Localização dos sítios antigos relacionados no texto.

por vegetação herbácea em meio a uma alta mata com araucária (Fig. 7, foto de cima), hoje empobrecida pela retirada dos troncos maiores e a presença de gado. Ao pé da íngreme encosta pela qual se tem acesso ao sítio, distando uns 500 m dele, um arroio com bastante água, ora serpenteia na planície que criou, ora acelera o curso em rápidos entre pequenos blocos rochosos. O fluxo de água, ao longo do qual estão as estruturas, desemboca neste arroio.

Na margem esquerda desse fluxo, numa extensão de uns 100 m e distando 30 a 60 m da água, se encontram as 68 casas subterrâneas e os 10 montículos, que, segundo Reis, ocupariam uma superfície de 19.511 m². Nenhuma estrutura anelar. As casas subterrâneas estão representadas por suas depressões centrais e seus aterros niveladores. Podemos classificar estas casas em grandes (depressões com 6 a 8 m

de diâmetro), médias (5 a 5,5 m de diâmetro) e pequenas (4 m de diâmetro ou menos); as profundidades variam de 1,1 e 0,6 m. Das casas desta margem, tomando como referência suas depressões centrais, 12 (17,64%) são consideradas grandes, 29 (42,64%) médias, 27 (39,70%) pequenas. Os montículos, de funcionalidade ainda desconhecida, têm formas circulares ou alongadas, com extensões de 2,5 a 5,0 m e alturas menores que 1 m.

Na margem direita, frente a estas, e mantendo igual distância da água, encontram-se outras 39 casas, num espaço não maior que 50 por 80 m, ou 4.000 m². Destas, são consideradas grandes 9 (23,07%), médias 8 (20,51%), pequenas 22 (56,41%). Nenhum montículo, nem estrutura anelar. Este conjunto, mais bem conservado, foi escolhido para uma primeira compreensão do grande assentamento (Fig. 2).

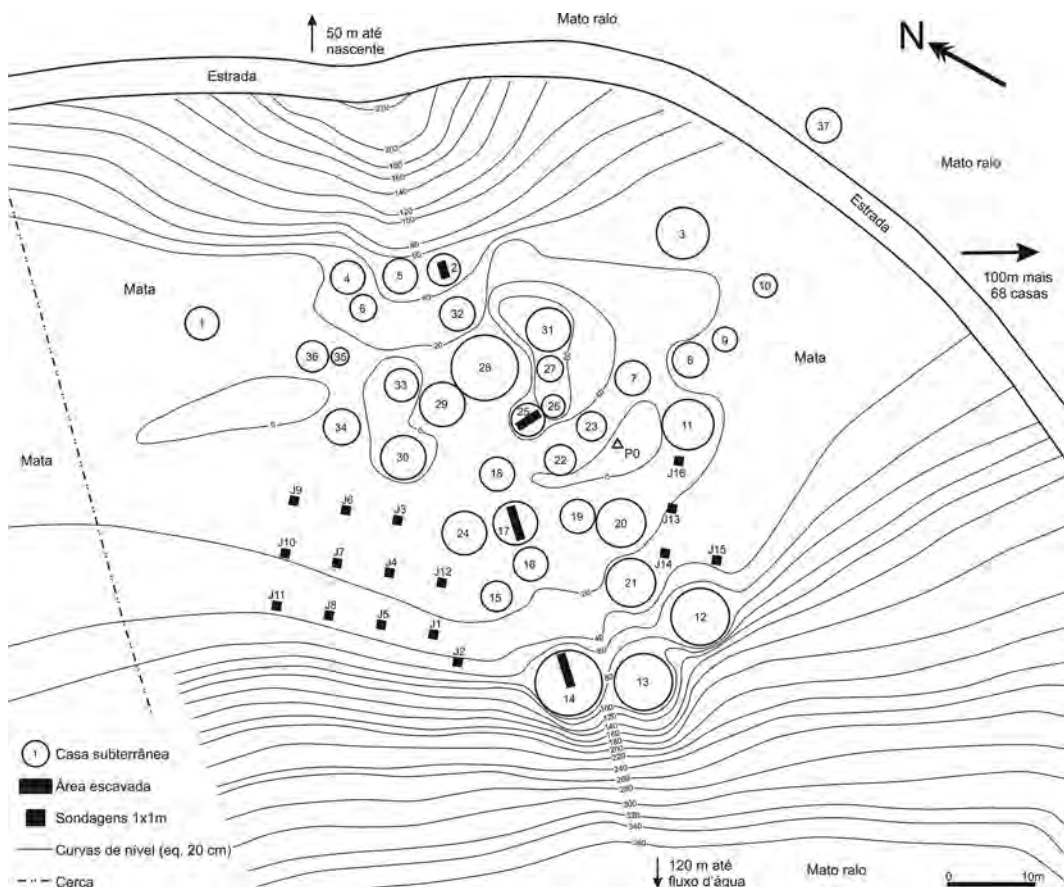


Fig. 2. O conjunto de 'casas subterrâneas' a que se refere o texto (SC-CL-70 de Reis, 2007).

Elas estão densamente agrupadas em pequeno espaço de um dorso alongado de terra, margeado ao leste pela nascente do fluxo de água, incluindo pequena lagoa e ao sul e oeste pelo curso do pequeno fluxo. Os terrenos mais úmidos, próximos à água, estão cobertos por vegetação herbácea; no suave aclive de sua borda ascendente desenvolveu-se uma vegetação arbórea aberta, de média altura, composta predominantemente por goiabeira serrana (*Acca selowiana* [O. Berg.] Burret); o dorso mais seco do terreno é coberto por mata com *Araucaria angustifolia* ([Bertold.L.] Kuntz.), na qual, antes de sua exploração, havia muitos pinheiros antigos e agora sobram muitos pés de guabirola (*Campomanesia xantocarpa* O. Berg.), guabiju (*Myrciantes pungens* [O. Berg.] D. Legrand) e araçá (*Psidium cattleianum* Sabine), cuja exploração não interessava aos madeireiros de meados do século XX, mas que poderiam ser importantes para uma população indígena.

Este conjunto de estruturas forma um agrupamento mais denso e está mais conservado que o da margem esquerda. Além da extração dos pinheiros não houve interferências significativas no sítio, como seriam plantações de alimentos ou de árvores porque o terreno é acidentado e grande parte é úmida por causa da nascente e do fluxo de água. Por essas razões o pequeno espaço do sítio forma, hoje, uma ilha na paisagem, na qual dominam as lavouras, os pastos limpos e as plantações de *Pinus eliotii*.

Este é o maior assentamento conhecido de ‘casas subterrâneas’ e sua compreensão foi o objetivo de nossa pesquisa acadêmica.

Os sítios pesquisados em momentos anteriores no planalto meridional pela mesma equipe (Schmitz *et al.* 1988; Schmitz *et al.* 2002; Schmitz *et al.* 2009; Rogge & Schmitz 2009; Schmitz *et al.* 2010) se compunham de poucas unidades de casas subterrâneas próximas, porém separadas umas das outras. No Rincão dos Albinos elas estão muito próximas, aglomeradas, às vezes sobrepostas. Os numerosos sítios estudados nos projetos anteriores produziam a impressão de um povoamento disperso, formando rede, cujos nós seriam pequenas unidades de sítios, espalhadas pelo planalto, ou organizadas por regiões. As características do presente sítio,

pelo contrário, sugeriam ou um núcleo central de povoamento, ou um local de reunião para fins rituais, como a perfuração dos lábios dos meninos xokleng, ou a repetição de acampamentos temporários para apropriação de um elemento crítico para a subsistência do grupo. Este elemento crítico poderia ser um grande pinheiral, num período em que o pinheiro ainda não era comum no planalto catarinense.

A abordagem do sítio previa uma topografia minuciosa para captar a localização precisa das depressões registradas por Reis e, se possível, as sobreposições que chamavam nossa atenção ao percorrer o sítio. Incluía intervenções numa depressão grande (número 14: 8 m de diâmetro e 3,5 m de profundidade, Fig. 7, foto da esquerda), numa média (número 17: 5 m de diâmetro e 3 m de profundidade), numa pequena (número 25: 5 m de diâmetro e 2,5 m de profundidade) e numa ainda menor (número 2: 4 m de diâmetro e 2,5 m de profundidade), as quais se distribuem em linha de uma borda do sítio à outra, de uma depressão úmida à outra, atravessando o centro. Com esta opção buscava-se uma amostragem da forma e ocupação dessas depressões. Os cortes iniciais seriam de 1 x 2 m, partindo do centro em direção à borda mais alta. Na depressão 14 houve um acréscimo de mais 2 m, na depressão 17 de mais 1,5 m, na depressão 25 de mais 1 m, para definir a outra parede. Em todos os casos ficou bem definido o centro e, com exceção da depressão 14, também parte das paredes ascendentes de ambos os lados. Em nenhum caso a intervenção, mesmo acrescida, alcançou a borda superior da depressão.

A remoção da terra foi realizada em níveis de 10 cm. A distribuição do material foi registrada em planilhas quadriculadas e fotografada.

As escavações mostraram que as depressões têm a forma aproximada de um chapéu de abas caídas, com uma larga escavação da periferia em aproximadamente 45° (a aba), seguida de um aprofundamento com ângulo de 80 a 90° (a copa). Nesta se concentram os restos da ocupação humana, compostos por sedimentos escuros, pedras fraturadas por ação do calor das fogueiras, artefatos e abundantes grânulos de carvão, mas nenhuma cerâmica; na depressão 17 há um conjunto de pequenas pedras formando

bonito fogão sobre o piso original (Fig. 7, foto da direita). Na parte da aba só aparece material depois que as camadas de sedimentos escuros preencheram e nivelaram a copa.

Como as depressões são relativamente pequenas resultaram em aterros niveladores reduzidos que, na maioria dos casos, já estão pouco definidos devido a intervenções antigas, à retirada dos troncos de araucária no século XX e à presença atual do gado. No projeto anterior (Schmitz *et al.* 2010) trabalhamos bastante a definição dos aterros, o que nos dispensou de empregar nele nosso pouco tempo.

As camadas de ocupação, bastante escuras e relativamente soltas, se distinguem bem do piso e das paredes da depressão, que são de argila marrom avermelhada compacta; e se distinguem de preenchimentos posteriores às sucessivas ocupações, vindas da lavagem das paredes e de outras intervenções, que são mais claras e de consistência mais saibrosa.

Para entender o sentido e a função das depressões, era necessário conhecer o entorno. Para isso foram abertas 12 janelas de 1 m² no lado norte do aglomerado e 4 no lado sul (ver Fig. 2). Com exceção da primeira (janela 1), que foi escavada na proximidade da estrutura 15, elas estão distribuídas em tabuleiro, em distâncias aproximadas de 5 m, começando na proximidade das depressões. As mais próximas, em ambos os lados, apresentam uma camada escurecida de ao menos 30 cm de espessura, com bastante carvão, pedras estouradas pelo calor e alguns artefatos, depositada sobre a base argilosa marrom avermelhada do solo original. Na medida em que nos afastamos das depressões esta camada se torna menos espessa, não ultrapassando, finalmente, os 20 cm e contendo menor quantidade de material (Fig. 3).

Em todas as janelas aparecem: carvão, pedras fraturadas pelo fogo, lascas e núcleos de manipulação simples. Áreas de trabalho externo puderam ser definidas em várias janelas, como na de número 3, na qual se evidenciou uma bonita plataforma de fogo acompanhada de artefatos lascados e um fragmento de mão-de-pilão; na janela 8 e na janela 10 temos lugares de trabalho com pequeno pote cerâmico em cada um deles; nas janelas 12 e 14 observamos

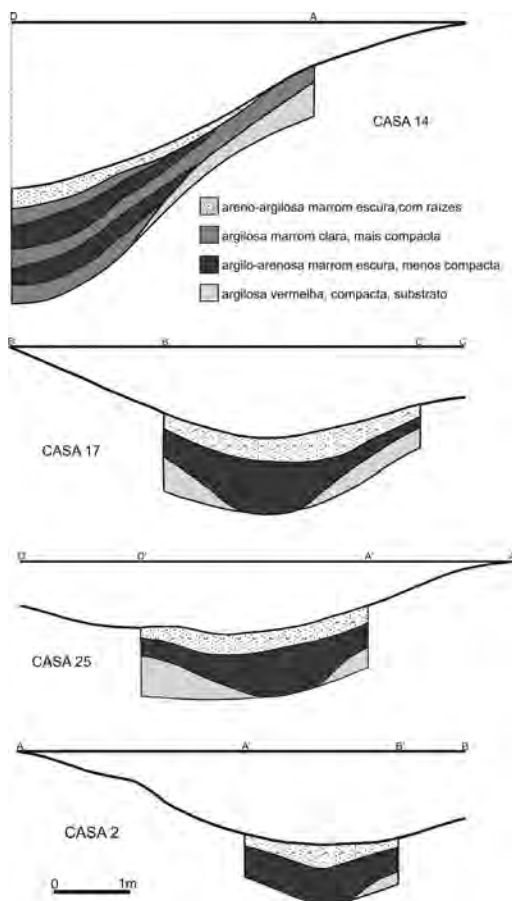


Fig. 3. Perfis dos cortes.

estruturas de fogo menos elaboradas, porém espessas; na janela 2 recuperamos um polidor de arenito (Fig. 4).

A matéria prima das pedras que lastram as fogueiras e da quase totalidade dos artefatos é o basalto local. O uso de calcedônia, sempre em pequena quantidade, se dá nas janelas mais próximas das depressões: 1, 3, 4, 12, 14 e 15; pouco dentro das depressões. O quartzo, também em pequena quantidade, aparece em diversas janelas e nas depressões. Em nenhuma janela ou depressão se visualiza lugar de produção intensiva de artefatos líticos, os quais, por sua simplicidade, podiam ser criados na medida em que se tornavam necessários.

A espessura das camadas, a densidade do material e sua extensão ao redor do conjunto de depressões, corroboram aquilo que o número de

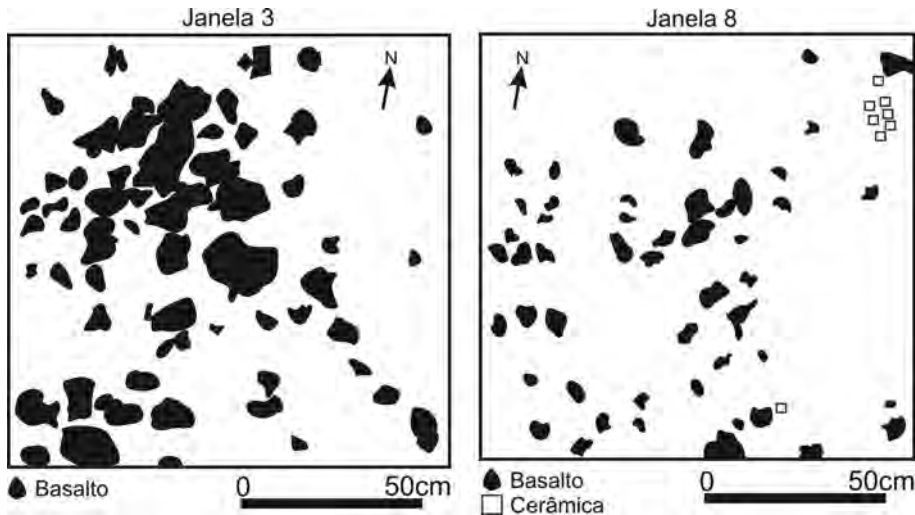


Fig. 4. Lugar de fogo na janela 3 e lugar com cerâmica na janela 8.

estruturas e sua ocupação sugeriam, isto é, que a ocupação do local era intensa e extensa.

Os artefatos, as camadas e as datas nos ajudam a entender como teria sido esta ocupação.

Os artefatos líticos estão representados por alguns instrumentos muito bem polidos em basaltóides de composição regular, por artefatos lascados em basalto, calcedônia, cristal de quartzo, arenito silicificado e por seixos de basalto usados como percutores, além de um pequeno alisador em arenito.

Os materiais polidos são: um fragmento mesial de mão-de-pilão, encontrado junto à base da fogueira da janela 3; um fragmento mesial de lâmina de machado encontrado perto da base da casa 17; um fragmento de lâmina de machado e uma lasca com face polida encontrados perto da base da casa 25 e um fragmento de lâmina de machado encontrado perto da superfície da mesma casa. Os instrumentos correspondentes não foram produzidos no sítio, mas trazidos para o local, indicando que o grupo já os possuía anteriormente.

Os materiais lascados se compõem de certo número de lascas, de 7 a 9 cm de tamanho, produzidas a partir de seixos ou pequenos blocos de faces paralelas, de basalto local, com pouco trabalho anterior e posterior à debitação, e sem retoques. Apresentam plano de percussão cortical ou liso, face externa muitas vezes cortical ou semi-cortical, e face interna, mesmo quando

há bulbo ou largas ondas, muitas vezes rugosa e irregular, em consequência da grosseira composição do basalto, ou da ação de calor. Algumas lascas receberam pequenas ajeições, quer na face interna, quer na externa e talvez pudessem ser chamadas de pequenos talhadores. Além destas existem pequenas lascas de acomodação do núcleo. Este não tem forma padronizada, podendo ser aproximadamente prismático, cônico, poliédrico, indefinido, frequentemente com poucos estigmas de debitação. Em núcleos prismáticos e cônicos, produzidos sobre blocos de faces paralelas, usava-se, muitas vezes, uma das faces como superfície de percussão e a outra como apoio, do que resultavam curtos fragmentos ou lascas de bordos longitudinais aproximadamente paralelos e extremidades obtusas. Há muitos seixos e pequenos blocos com sinais de golpes, mas neles é difícil separar ação humana, térmica e conjunta. Os materiais foram produzidos em basalto de formação geológica local, que apresenta diferenças na composição e no grau de conservação.

Além de lascas em basalto local existem duas pequenas lascas secundárias em arenito silicificado de granulação fina, que não ocorre localmente.

Ainda pequenos cristais de quartzo inteiros, quebrados ou lascados, originários de drusas que se formaram nas bolhas do basalto.

Pequenos núcleos e fragmentos de calcedônia, da mesma origem e formação.

Um pequeno fragmento de arenito de granulação grande, que tem uma face abaulada, indicando desgaste por abrasão linear, que também não é local (Fig. 5).

Toda a cerâmica se compõe de 16 pequenos fragmentos de dois potes verticais com leve inflexão, num deles com decoração em espinha de peixe em duas faixas paralelas no bojo abaixo da inflexão. A abertura da boca é de 7 cm, o lábio é arredondado, o antiplástico de areia muito fina; o núcleo é negro, a superfície interna e a externa marrom, a externa talvez com brunido. Todas as características são da Tradição Itararé. Oito fragmentos de um mesmo pote estavam juntos na janela 8, os outros oito fragmentos estavam juntos na janela 10, ambas janelas bastante afastadas do conjunto das depressões.

As datas das depressões e das janelas do entorno mostram uma ocupação que indica um núcleo antigo na borda da mata, a oeste, onde está a janela 14 perto das casas 20 e 21, e onde estão as casas 14 e 17, todas de tamanho médio a grande. As datas tornam-se um pouco mais recentes quando saímos deste núcleo e nos afastamos em direção norte, onde estão as janelas 3 e 8, e na direção nordeste, onde estão as casas 25 e 2, pequenas. A cerâmica aparece relativamente tarde (janela 8), e se registra ao menos uma volta ao sítio, muito tempo depois de seu abandono (camada superior da casa 17).

As datas convencionais e as calibradas, com dois sigmas, são as seguintes: janela 14: 1400 ± 40 AP, ou AD 590-670 (Beta-297431), casa 14: 1320 ± 40 AP, ou AD 650-770 (Beta-293588), casa 17: 1320 ± 40 AP, ou 650-770 (Beta-293589), janela 3: 1250 ± 40 AP, ou AD 670-880 (Beta-297430), casa 25: 1190 ± 40 AP, ou AD 710-750, 760-900, 920-960 (Beta-293590), janela 8: 1140 ± 40 AP, ou AD 870-1010 (Beta-293591), casa 2: 1080 ± 30 AP, ou 890-1020 (Beta-297429). Uma camada mais superficial da casa 17 proporcionou a data de 470 ± 50 AP, ou AD 1400-1480 (Beta-297432). As datas vêm calibradas pelo laboratório.

As camadas de ocupação, os materiais e as datas indicam novas ocupações das casas depois de períodos de abandono.

Na depressão 14 podemos observar quatro camadas escuras, separadas por camadas mais claras, indicando outros tantos momentos de ocupação, separados por períodos de abandono. O material é pouco nas camadas de ocupação. Numa última ocupação aparece pequena lasca de arenito silicificado, que só tem uma companheira na janela 10, que, por sua posição no terreno, também é considerada recente.

Na depressão 17 é difícil distinguir pelas camadas que são todas escuras, mas as datas indicam que houve, ao menos, duas ocupações, separadas por 7 séculos. Os materiais são bastante abundantes.

Na depressão 25 também é difícil distinguir as camadas pela cor, mas o material, que é abundante, indica mais de uma ocupação. Junto à base, datada do século VIII, existem dois fragmentos de lâmina de machado e na camada mais recente existe outro fragmento de lâmina diferente, que sugere nova ocupação. As curvas de tempo indicadas no gráfico da medição radiativa, que resultaram nas diversas datas provenientes da amostra analisada, também podem sugerir sucessivas ocupações.

Na depressão 2 o material é pouco abundante, mas a estratigrafia sugere mais de uma ocupação.

As observações acima indicam que houve mais de uma ocupação em cada uma das quatro casas escavadas e elas não necessariamente são coetâneas, como se pode inferir das datações.

Se extrapolarmos esta informação para as 39 depressões do sítio, chegamos à convicção de que houve grande circulação neste pequeno espaço. Na suposição, ainda, de que nas 68 depressões da outra margem do fluxo de água se tenha repetido o fenômeno, teremos de pensar num lugar de muita circulação.

Assim podemos voltar à origem de nosso problema. Trata-se de um sítio com muitas 'casas subterrâneas', predominantemente pequenas, aglomeradas em reduzido espaço ao longo de uma nascente, às vezes se sobrepondo umas às outras. A escavação mostra que, além de próximas e às vezes sobrepostas, elas foram ocupadas mais de uma vez, multiplicando assim as unidades ocupacionais. O tamanho relati-

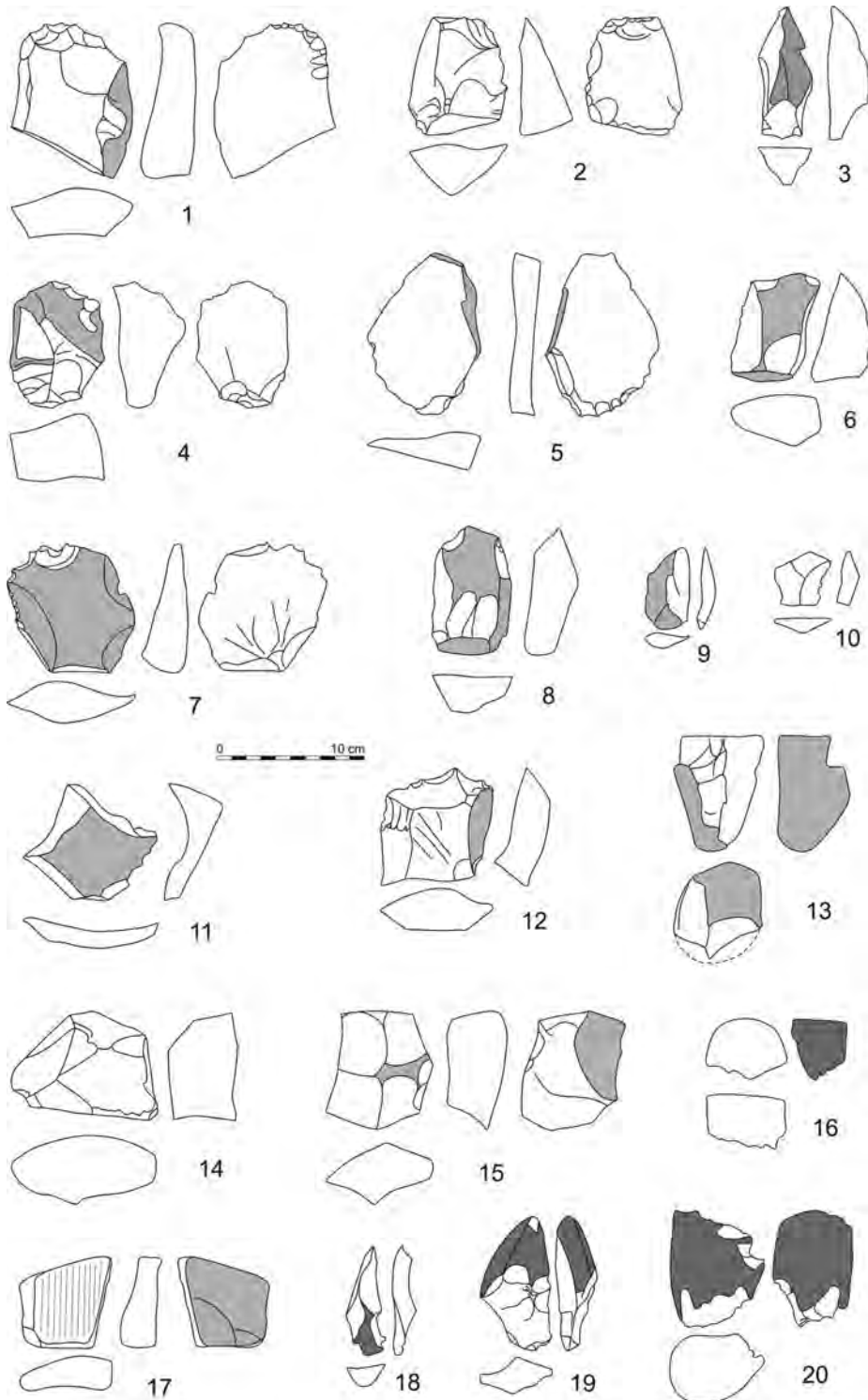


Fig. 5. Material lítico recuperado: 1-12, lascas; 13-15 núcleos; 16 mão-de-pilão; 17 alisador em arenito; 18-19 fragmentos de lâminas de machado.

vamente pequeno das casas, e os poucos restos atribuídos às unidades de ocupação, sugerem presenças breves, mas a densidade do material no entorno e sua distribuição no espaço, voltam a indicar a intensidade geral da ocupação já indicada pelo número de casas. Em cima de um esporão sustentado por rampas íngremes, o lugar podia ser facilmente identificado e oferecia boa visibilidade sobre o vale formado pelo arroio que desliza a 500 m de distância.

Para tantas voltas ao mesmo sítio, quando na área poderiam existir outros lugares parecidos, deveria haver fortes razões.

O gráfico da Fig. 6 (e a tabela correspondente) representam as datas de carbono 14 dos sítios atribuíveis ao Jê Meridional no estado de Santa Catarina. As barras dos números 5, 7, 8, 13, 16, 21 e 22 são de casas e janelas do sítio Rincão dos Albinos. Elas indicam que o planalto estava pouco habitado antes delas e que estamos nos primórdios da construção de casas subterrâneas. Com isso voltamos a nossas hipóteses iniciais: grande núcleo populacional, lugar de reuniões rituais, acampamentos de aprovisionamento de recursos críticos.

Nesse período inicial não podemos pensar o sítio como o maior núcleo habitacional do planalto; as ocupações individuais apresentam caráter de pouca efetividade, lembrando acampamentos temporários e não assentamentos estáveis.

Nem como um lugar de reuniões rituais, como a da furação dos lábios dos meninos Xokleng porque nas datas correspondentes ao sítio, a população do planalto ainda deveria ser muito reduzida e dificilmente comportaria reuniões significativas.

A hipótese, que parece mais adequada para explicar a realidade observada, é de que no local tivesse havido recursos críticos para o abastecimento do grupo, que no planalto começava a identificar-se pela forma de suas habitações. O único recurso que, neste tempo, seria capaz de provocar uma volta contínua, anual, do(s) grupo(s) ao sítio, seria uma mata de pinheiros.

Para o estudo da presença e da expansão do pinheiro sobre o planalto se observa o pólen retido e preservado em terrenos permanentemente úmidos como banhados e lagos. Os

palinólogos Bauermann e Behling (2009, p.35), que se dedicam a esse estudo, não encontraram pólen de araucária ao longo do Pleistoceno nas terras altas montanas e alto-montanas do Sul e Sudeste do Brasil; mas ali encontraram extensas áreas de formações campestres. Os poucos grãos de pólen arbóreos detectados nos diferentes sedimentos seriam, segundo eles, oriundos de florestas, estabelecidas em vales profundos e protegidos do Planalto. Este panorama não se teria alterado no início do Holoceno, mas as espécies típicas da Floresta com Araucária teriam exibido uma pequena expansão, indicando provavelmente que alguns elementos da mata teriam migrado, seguindo o curso dos rios. Durante o Holoceno Médio e Superior (entre 4.320 e 1.000 anos AP), pela primeira vez teria havido aumento na proporção dos grãos de pólen de araucária, sugerindo a formação de uma rede de florestas de galeria ao longo dos rios, enquanto regionalmente a vegetação herbácea ainda predominaria. Na parte mais alta do Holoceno, correspondendo aos últimos 1.000 anos, grãos de pólen de *Araucaria angustifolia* se teriam tornado especialmente abundantes e os registros mostrariam a substituição da vegetação herbácea pela florestal. A mudança na composição paleoflorística iniciada em 4.320 anos AP e acentuada 1.000 anos AP refletiria uma tendência para climas cada vez mais úmidos e quase nenhum período de seca.

Cronologicamente, o sítio Rincão dos Albinos se localiza na parte final da primeira expansão da araucária. Esta expansão teria áreas pioneiras, em nichos propícios, como seriam altas encostas com maior volume e regularidade de chuvas, pelos quais ela avançaria mais facilmente. O local do sítio tem todas as condições para dar origem a um núcleo pioneiro de araucária. Se não houvesse outros nichos parecidos ele atrairia, todos os anos, as populações que vagavam pelo planalto, para um acampamento temporário de coleta e abastecimento, quem sabe também de sociabilidade e festa. As sementes da araucária amadurecem, predominantemente, no fim do período quente do ano e vêm acompanhadas, no lugar, por numerosas e abundantes frutas como a guabiroba, o guabiju, o araçá e a goiaba serrana.

Esta é a hipótese que propomos, a partir das presentes pesquisas, para a compreensão do sítio do Rincão dos Albinos. Ela será testada numa próxima pesquisa na parte do sítio em que se encontram as 68 casas, na outra margem do fluxo de água.

A pergunta que fazemos depois disso é se existem outros sítios no planalto de Santa Catarina que apresentem características semelhantes neste primeiro momento das casas subterrâneas. Também não podemos deixar de olhar para a encosta e o litoral em busca de realizações alternativas. (Fig. 6 e Tabela 1)

Outros sítios antigos no planalto e no litoral de Santa Catarina

O sítio do Rincão dos Albinos não poderia estar sozinho. Nossa hipótese de trabalho supõe que os ocupantes do lugar não eram residentes, mas frequentadores, que se movimentavam pelo planalto como grupos forrageiros, explorando seus diferentes e variados recursos. O pinheiral seria um desses recursos, talvez o principal. Buscamos, então, outros sítios de idade e caracterização compatíveis com esta idéia (ver Fig. 1).

O primeiro que encontramos foram as casas subterrâneas de Taió, na bacia do Rio Itajaí do Oeste, a 800 m de altitude, que foram estudadas por Schmitz *et al.* (2009). Ali a equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas realizou amplas escavações num conjunto de 13 casas subterrâneas, agrupadas em pequeno espaço, às vezes se entrecortando, cujas datas praticamente coincidem com as do Rincão (Fig. 6, n. 6, 15, 18). As casas, instaladas junto a pequeno banhado, que dá origem a um córrego, dentro de antiga mata de araucária, são igualmente pequenas, com poucos resíduos no interior e camadas representativas no exterior. Lugares de fogo semelhantes, mas também nenhuma cerâmica. Os artefatos líticos, poucos, se confundem com os da tradição Umu, que estava presente na região desde mais de 8.000 anos. O sítio ainda possui um montículo alongado, semelhante aos que são encontrados em outros assentamentos com casas subterrâneas. Embora o assentamento seja menor que o do Rincão muito se lhe assemelha em sua estrutura.

Walter F. Piazza (1969), pesquisando os Campos de Lages, registra a fase Cotia, também com casas subterrâneas, para a qual sugere a data de AD 500. Nas coletas superficiais ele só encontrou artefatos líticos, mas isto não garante que elas sejam pré-cerâmicas, como pensa.

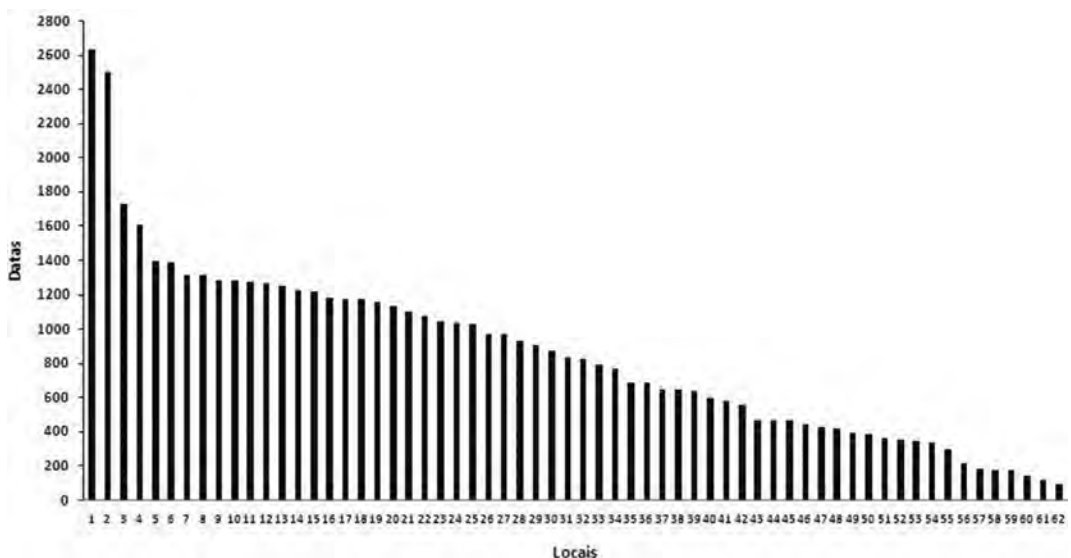


Fig. 6. Datas de C14 de Santa Catarina que podem ser relacionadas com a presença Jê Meridional. A referência é a data convencional AP sem a margem de erro. Para identificação dos sítios ver a Tabela 1.

Tabela 1

Sítios relacionados ao Jê Meridional: os números de referência são os mesmos do gráfico da Fig. 6.

Nº	LOCAL	DATA AP	TIPO	FONTE
1	Boa Parada	2640±40	sob aterro	Schmitz et al. 2010
2	Anita Garibaldi	2510±40	sem indicação	De Masi 2005
3	Urubici	1735*	esqueletos	De Masi 2001
4	Alfredo Wagner	1610*	esqueletos	De Masi 2001
5	Rincão dos Albinos	1400±40	casa subterrânea	Neste texto
6	Taió	1390±50	casa subterrânea	Schmitz et al. 2009
7	Rincão dos Albinos	1320±40	casa subterrânea	Neste texto
8	Rincão dos Albinos	1320±40	casa subterrânea	Neste texto
9	Ribeirão da Herta	1290*	esqueletos	De Masi 2001
10	São Joaquim	1290*	esqueletos	De Masi 2001
11	São Joaquim	1280*	esqueletos	De Masi 2001
12	São Joaquim	1270*	esqueletos	De Masi 2001
13	Rincão dos Albinos	1250±40	casa subterrânea	Neste texto
14	Abdon Batista	1230±40	sem indicação	De Masi 2005
15	Taió	1220±50	casa subterrânea	Schmitz et al. 2009
16	Rincão dos Albinos	1190±40	casa subterrânea	Neste texto
17	São Joaquim	1182*	esqueletos	De Masi 2001
18	Taió	1180±40	casa subterrânea	Schmitz et al. 2009
19	Içara	1160±50	concheiro	Schmitz 1999
20	Praia da Tapera	1140±180	sítio cerâmico	Silva et al. 1990
21	Rincão dos Albinos	1110±40	casa subterrânea	Neste texto
22	Rincão dos Albinos	1080±30	casa subterrânea	Neste texto
23	Anita Garibaldi	1050±40	sem indicação	De Masi 2005
24	Içara	1040±60	concheiro	Schmitz 1999
25	Praia da Tapera	1030±180	sítio cerâmico	Silva et al. 1990
26	Galheta IV	980±40	esqueletos	De Blasis et al. 2007
27	Anita Garibaldi	980±40	montículo	De Masi 2005
28	Anita Garibaldi	940±40	sem indicação	De Masi 2005
29	Urubici	910±200	abrigo	De Masi 2005
30	São Francisco do Sul	880±100	sítio cerâmico	Piazza 1966
31	Abdon Batista	840±40	sem indicação	Bryan 1961
32	Boa Parada	830±40	casa subterrânea	De Masi 2005
33	Base Aérea	800±70	sítio cerâmico	Schmitz et al. 2010
34	Boa Parada	770±40	montículo	Rohr 1959
35	Abdon Batista	690±40	sem indicação	Schmitz et al. 2010
36	Anita Garibaldi	690±40	montículo	De Masi 2005
37	Taió	650±50	casa subterrânea	De Masi 2005
38	Abdon Batista	650±40	sem indicação	Schmitz et al. 2009
39	Boa Parada	640±40	casa subterrânea	De Masi 2005
40	Anita Garibaldi	600±40	montículo	Schmitz et al. 2010
41	Boa Parada	590±40	casa subterrânea	De Masi 2005
42	Anita Garibaldi	560±50	montículo	Schmitz et al. 2010
43	Rincão dos Albinos	470±50	casa subterrânea	Saldanha, 2005
44	Boa Parada	470±50	casa subterrânea	Neste texto
45	Anita Garibaldi	470±40	montículo	Schmitz et al. 2010

Tabela 1 (Cont.)

Sítios relacionados ao Jê Meridional: os números de referência são os mesmos do gráfico da Fig. 6.

Nº	LOCAL	DATA AP	TIPO	FONTE
46	Abdon Batista	450±40	sem indicação	De Masi 2005
47	Anita Garibaldi	430±40	montículo	De Masi 2005
48	Anita Garibaldi	420±40	montículo	De Masi 2005
49	Abdon Batista	400±40	sem indicação	De Masi 2005
50	Anita Garibaldi	390±50	montículo	Herberts e Müller 2007
51	Abdon Batista	370±40	sem indicação	De Masi 2005
52	Abdon Batista	360±40	montículo	De Masi 2005
53	Anita Garibaldi	350±40	montículo	Herberts e Müller 2007
54	Abdon Batista	340±40	sem indicação	De Masi 2005
55	Abdon Batista	300±40	sem indicação	De Masi 2005
56	Celso Ramos	220±40	montículo	De Masi 2005
57	Abdon Batista	190±40	sem indicação	De Masi 2005
58	Anita Garibaldi	180±40	sem indicação	De Masi 2005
59	Anita Garibaldi	180±40	litocerâmico	Saldanha 2005
60	Quebra Queixo	144*	casa subterrânea	Caldarelli e Herberts 2002
61	Quebra Queixo	122*	casa subterrânea	Caldarelli e Herberts 2002
62	Quebra Queixo	100*	casa subterrânea	Caldarelli e Herberts 2002

*Sem indicação de margem de erro na fonte consultada.

Estes sítios testemunham que no planalto haveria maior número de pessoas, ou que estas pessoas alternavam a exploração de lugares que ofereciam recursos semelhantes.

Não localizamos, no mesmo planalto, outros conjuntos com casas subterrâneas, cujas datas fossem igualmente antigas e pudessem indicar outros movimentos ou assentamentos temporários desses grupos.

Mas chamaram nossa atenção as datas, que Marco Aurélio Nadal De Masi (2001) conseguiu com esqueletos escavados em abrigos de Alfredo Wagner, Ribeirão da Herta, São Joaquim e Urubici (Fig. 6, n. 3, 4, 9-12, 17), em altitudes semelhantes às do Rincão e de Taió, datas que praticamente coincidem com as dos três lugares antes mencionados, às vezes as ultrapassam um pouco (Fig. 6, números 3 e 4). Embora isto não seja informado, elas poderiam corresponder a sepultamentos dos grupos, que supomos estivessem migrando pelo planalto e acampando no Rincão e em Taió.

Estes são os assentamentos catarinenses com casas subterrâneas, ou que podem ser a elas associados, que representam o período

formador da cultura jê meridional, na segunda metade do primeiro milênio de nossa era. Eles aparecem como novidade no sexto século e foram bem documentados no Rincão dos Albinos e em Taió.

A partir do começo do segundo milênio de nossa era, sítios com casas subterrâneas se multiplicam nas bacias dos rios Canoas e Pelotas e mesmo do alto curso do Rio Uruguai, só desaparecendo em meados do século XIX. Então as casas se tornam maiores, mais elaboradas, menos agrupadas, a cerâmica se desenvolve e, tardiamente, surgem espaços coletivos sob a forma de montículos com ossos ou corpos cremados ('estruturas anelares') e topos de morros aplanados, circundados por taipas de terra contendo casas ou montículos ('danceiros'). O novo povoamento passa a cobrir o planalto como uma rede com muitos nós, estes representados por outros tantos sítios, que exploram os recursos locais. Ainda não se trata de completa estabilidade, mas de movimentação mais reduzida, provavelmente de âmbito regional. Se imaginamos que os núcleos da segunda metade do primeiro milênio de nossa era estão ligados

a isolados pinheirais pioneiros, visitados por populações móveis, que deixam muitas marcas de sua passagem, a nova forma de povoamento supõe a expansão do pinheiral sobre o planalto e seu progressivo adensamento, acompanhado por casas subterrâneas maiores e mais estáveis, que deixam menor número de marcas.

Esta nova etapa da cultura está bem ilustrada no lugar chamado Boa Parada, junto à sede municipal de São José do Cerrito, distante apenas 20 km do Rincão dos Albinos (Fig. 6, n. 32, 34, 39, 41, 44). Ali foram estudados diversos sítios, agrupados ao redor de um 'dancheiro' composto por quatro 'estruturas anelares', cuja datação vai do século XI ao XVII (Schmitz *et al.* 2010). E está bem ilustrada no baixo curso do Rio Canoas, onde Marco Aurélio Nadal De Masi (2006, 2009) e outros estudaram numerosos sítios com casas subterrâneas datados do século XII ao XIX, nos municípios de Anita Garibaldi (Fig. 6, n. 23, 27, 28, 36, 40, 42, 45, 47, 48, 50, 53, 58 e 59) e Abdon Batista (Fig. 6, n. 31, 35, 38, 46, 49, 51, 52, 54, 55 e 57).

Os fenômenos observados não se restringem a Santa Catarina, mas se repetem no Rio Grande do Sul. Ali, as datas da segunda metade do primeiro milênio de nossa era se encontram no primeiro patamar do planalto e na sua encosta leste, nos municípios de Caxias do Sul, São Francisco de Paula, Passo Fundo, Sapiranga e Taquara, que poderiam responder à primeira expansão da mata de araucária. Não houve uma datação sistemática para estes sítios, como foi para Rincão e Taió. Depois dessa primeira etapa o povoamento se expandiu para terras mais altas, como Vacaria, Bom Jesus, São José dos Ausentes, Esmeralda/Pinhal da Serra, mas também para a encosta leste e sul e para o interior em direção ao Alto Uruguai, num movimento semelhante ao observado no Estado de Santa Catarina.

A ocupação do planalto das araucárias e o assentamento com casas subterrâneas não mais detêm a exclusividade no povoamento considerado Jê Meridional.

Com datas um pouco mais recentes que as dos primeiros assentamentos com casas subterrâneas do planalto, registramos o grande sítio cemitério de Içara, junto à desembocadura do

Rio Araranguá, no litoral atlântico (Fig. 6, n. 19 e 24). Ele reúne sepultamentos primários individuais, alguma vez com marcas de queima nas extremidades; sepultamentos secundários geralmente múltiplos, em pequenos pacotes circulares como se transportados num cesto; e sepultamentos múltiplos de ossos cremados, de até oito indivíduos, também compactados como se tivessem sido acomodados em cestos. As áreas de sepultamento vêm acompanhadas de abundantes restos alimentares, provenientes de grandes animais terrestres como antas e porcos do mato, e marinhos, como ostras e bagres. Os restos se encontram distribuídos em espaços circulares sugerindo refeições de pessoas agrupadas por ocasião do sepultamento dos mortos. A predominância de bagres adultos indica a presença humana no período quente do ano, quando estes peixes saem do mar e sobem o rio para desovar.

Para explicação do cemitério foram buscados indicadores no material acompanhante e na forma de sepultamento. O abundante material lítico que vem junto com os restos de fauna é composto predominantemente por artefatos polidos, como lâminas de machado e mãos de pilão, intencionalmente reduzidos a fragmentos, que lembram o planalto, não os artefatos típicos dos sambaquis locais. Nenhuma cerâmica.

A forma de sepultamento nada tem a ver com a dos sambaquis da região, que é primário, estendido ou fletido. Mas lembra o descrito pelo missionário P. Ruiz de Montoya (1951) falando dos Xokren do interior do Paraná, no século XVII. Entre estes o morto seria conservado dentro da choupana enquanto fosse possível suportar o cheiro da decomposição, depois seria exposto num girau, a certa distância das choupas, até que os ossos estivessem descarnados, os quais seriam, então, cremados e as cinzas enterradas em mata próxima, com todo o ritual. O relato missionário oferece uma sugestão para entender os sepultamentos de Içara: os que morriam mais perto do cemitério, ou da visita ao mesmo, recebiam sepultamento primário; os que morriam em tempo não muito anterior só tinham sido expostos para descarnação, que às vezes era apenas inicial; e os falecidos em

tempos muito anteriores tiveram os ossos secos reduzidos pelo fogo.

A diversidade das formas de sepultamento, especialmente os sepultamentos secundários e de cremados reunidos em pacote, são característicos de populações nômades ou migrantes, que depositam seus mortos em lugares centrais, facilmente reconhecíveis, aos quais voltam para novas deposições, a comemoração dos antepassados e a recomposição da sociedade. Todos os indícios do cemitério de Içara, especialmente a cremação, indicam na direção de populações Jê Meridionais, que ainda seriam móveis como as do planalto, e se estariam movimentando na encosta do planalto e na planície costeira. Como no planalto, nesta área, com o último recuo do mar e a melhoria das condições climáticas se desenvolveria a Floresta de Restinga e se adensaria a Mata Atlântica, proporcionando mais recursos, especialmente para uma população forrageadora (Bauermann & Behling 2009: 35).

Na densa Mata Atlântica dessa encosta do planalto viviam, no século XIX, fortes tribos de índios Xokleng, Jê Meridionais, que foram combatidos e expulsos pelos imigrantes alemães da colônia de Blumenau. Os arqueólogos não conseguem encontrar os vestígios arqueológicos dessa população e se perguntam se, por acaso, os numerosos sítios com pontas de projétil de pedra da tradição Umbu, datados entre os séculos X e XIII não poderiam ser dos antepassados desses Xokleng. Caso a resposta fosse positiva teríamos mais uma variante Jê Meridional, desta vez na densa Mata Atlântica (Farias 2005; Claudino, 2011).

Se para a Mata Atlântica temos dúvidas, elas não existem para o litoral central e setentrional do Estado. Na passagem do primeiro para o segundo milênio de nossa era surgem ali assentamentos com grande estabilidade, testemunhada pela estrutura das aldeias, formadas por grandes casas de material perecível, ao longo de cujas paredes eram sepultados os mortos, numa casa mais de trinta. Praia da Tapera (Fig. 6, n. 20 e 25), Galheta IV (n. 26), Forte Marechal Luz (n. 30), Base Aérea (n. 33), Laranjeiras II, Cabeçudas, Enseada I e outros, foram estudados, respectivamente, por Silva *et al.* (1990), De Blasis *et al.* (2007), Bryan (1961),

Rohr (1959), Schmitz *et al.* (1993), Schmitz & Verardi (1996) e Beck (1973). A subsistência e os artefatos desses assentamentos se parecem com a subsistência e os artefatos dos sambaquis, mas a maneira de organizar a aldeia, a forma do sepultamento, a grande produção de cerâmica e até sua biologia (Neves 1988), os distinguem claramente. Eles até criaram um estilo próprio de arte rupestre nos paredões rochosos voltados para o mar (Rohr 1969). Esta formação Jê Meridional se apresenta rica e consistente, talvez mais que a das casas subterrâneas do planalto, mas sua duração parece ter sido menor. Talvez o avanço da população Guarani pela planície litorânea tenha alguma coisa a ver com seu desaparecimento.

Considerações finais

O século VII talvez não seja o momento da chegada dos grupos Jê Meridionais à região subtropical do Sul do Brasil. Nas amostragens de pólen do planalto aparecem partículas carbonizadas desde vários milhares de anos AP e elas aumentam entre 4.000 e 1.000 anos atrás (Bauermann & Behling 2009: 37), indicando a presença e o aumento de populações caçadoras. Mas é apenas no século VII que conseguimos defini-las, não num lugar, mas em vários espaços do território: no planalto, onde acompanham a expansão da araucária, na encosta e no litoral, onde exploram os recursos da mata e da planície litorânea. Neste momento eles ainda se apresentam pouco numerosos e bastante móveis e sua presença seria difícil de captar não fossem os lugares a que eles voltam para se abastecer como no planalto dos pinheirais, ou para depositar seus mortos num cemitério em lugar rico da planície costeira. Suspeita-se que no planalto os lugares a que eles voltam sejam núcleos pioneiros de araucária, ao passo que no litoral os captamos junto à desembocadura de um rio que, em pequeno espaço, oferece os recursos do mar e da planície costeira.

Dessas datas até o período pleiteado pelos linguistas para a dispersão dos grupos Jê sobra grande distância: mil e quinhentos anos. A multiplicação de partículas de carvão nas

amostras de pólen do planalto indica a presença de caçadores neste intervalo e até antes. Ali também existem duas datas que poderiam indicar sua presença bem antes das primeiras casas subterrâneas, uma na Boa Parada, com vários lugares de fogo por baixo de uma casa subterrânea (Fig. 6, n.1) (Schmitz *et al.* 2010), outra em Abdon Baptista, sem clara definição de contexto (Fig. 6, n. 2) (De Masi 2006). São datas e dados ainda pouco significativos para cobrir um milênio e meio. O planalto, nesse tempo, ainda estaria coberto por campos, com uma presença insignificante, mas crescente da araucária. Como seria a planície litorânea ainda é difícil de dizer.

Nossa tendência de identificar a trajetória do Jê Meridional com o povoamento do planalto das araucárias empobrece sua história. Vale a pena registrar sua presença antiga também na encosta, na planície costeira e nas aldeias voltadas para o

mar bravio, que nos paredões batidos pelas ondas deixaram assinaturas indelévels.

Participantes do trabalho de campo

Marcus Vinicius Beber, Professor da Unisinos; Suliano Ferrasso, laboratorista da Unisinos; Marlon Borges Pestana, aluno de doutorado da Unisinos; Juliana Soares, aluna de Mestrado da Unisinos; Ismael da Silva Raupp, bolsista IC FAPERGS; Fabiana Maria Rizzardo, bolsista IC FAPERGS; Natália Machado Mergen, bolsista IC CNPq;

Agradecimento

A Rafael Corteletti, aluno de doutorado da USP, pelas sugestões para o texto e o auxílio na organização das datas.



Fig. 7. Em cima, vista do morro coberto por mata com araucária em que se encontra o sítio; na frente da mata o arroio. Em baixo, na foto da esquerda, a casa 14 antes da intervenção. Na foto da direita, plataforma de fogo no fundo da casa 17.

SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H. 107 'pithouses' in the initial peopling of the Jê Meridional indians in Santa Catarina: Rincão dos Albinos. *R. Museu Arq. Etn.*, São Paulo, n. 21, p. 185-204, 2011.

Abstract: The paper aims to understand the first establishments of the Jê Meridional in the federal state of Santa Catarina. The main text presents a site on the highlands of the state crowded with 107 'pit houses', whose dates cover the sixth through the ninth century AD. Then it looks for other sites of the same age, on the highlands and on the coastal plain, concluding that the original people were movable and can be caught with some ease only in places where they returned frequently, as are pioneering araucaria forests and collective cemeteries. These first sites paralleled the rise of atmospheric humidity, which influenced the expansion of the Araucaria Forest in the highlands, the Atlantic Forest on the slope, and the Restinga Forest on the coastal plain.

Keywords: Jê Meridional – First peopling – Highlands – See shore – Santa Catarina.

Referências bibliográficas

- ARAUJO, A.G.M.
2007 A tradição cerâmica Itararé-Taquara: características, área de ocorrência e algumas hipóteses sobre a expansão dos grupos Jê no sudeste do Brasil. *Revista de Arqueologia*, 20: 9-38.
- BAUERMANN, S.G., BEHLING, H.
2009 Dinâmica paleovegetacional da Floresta com Araucária a partir do final do Pleistoceno: o que mostra a palinologia. In: Fonseca, C.R.; Souza, A.F.; Leal-Zanchet, A.M.; Dutra, T.; Backes, A.; Ganado, G. (Eds.) *Floresta com Araucária. Ecologia, conservação e desenvolvimento sustentável*. Ribeirão Preto, Holos Editora: 35-44.
- BECK, A.
1973 A variação do conteúdo cultural dos sambaquis do litoral de Santa Catarina. Tese de doutorado. São Paulo: USP.
- BRYAN, A.L.
1961 Excavation of a Brazilian shell mound. *Science of Man*, Mentone, 1 (5): 148-151.
- CALDARELLI, S.; HERBERTS, A.L.
2002 Estruturas habitacionais escavadas na bacia do rio Chapecó, extremo oeste catarinense. *Pesquisas, Antropologia*, 56: 139-156.
- CLAUDINO, D. da C.
2011 Arqueologia na Encosta Catarinense: em busca dos vestígios materiais Xokleng. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: UNISINOS.
- COPE, S.
2006 Les grands constructeurs précoloniaux du plateau du Sud du Brésil: étude de paysages archéologiques à Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brésil. Tese de doutorado, Paris: Universidade de Paris I/Panthéon-Sorbone.
- DE BLASIS, P.; KNEIP, A.; SCHEEL-YBERT, R.; GIANNINI, P.C.; GASPARI, M.D.
2007 Sambaquis e Paisagem. Dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. *Arqueologia Suramericana*, 3 (1): 29-61.
- DE MASI, M.A.N.
2001 Pescadores coletores da costa sul do Brasil. *Pesquisas, Antropologia*, 57: 1-136.
2005 Relatório Final – Projeto de Salvamento Arqueológico Usina Hidrelétrica Campos Novos. 277p.
2006 Arqueologia das terras altas do Sul do Brasil. O baixo vale do Rio Canoas, SC. In: De Masi, M.A.N. *Xokleng 2860 a.C. As*

- terras altas do Sul do Brasil. Florianópolis, Editora Unisul: 47-75.
- 2009 As Terras Altas do Sul do Brasil e o Litoral de Santa Catarina, a arqueologia dos mortos e evidências de hierarquia social. (Manuscrito, s/p).
- FARIAS, D.S.E. de
2005 Distribuição e padrão de assentamento - Propostas para sítios da Tadição Umbu na Encosta de Santa Catarina. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUCRS.
- HERBERTS, A.L.; MÜLLER, L.M.
2007 Os sítios funerários do 'projeto de arqueologia compensatória UHE Barra Grande - SC'. *Anais do XIV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira "Arqueologia, Etnicidade e Território"*. Erechim: HABILIS. Em CD-Rom, 16 p.
- LAROQUE, L.F. da S.
2000 Lideranças kaingang no Brasil Meridional (1808-1889). *Pesquisas, Antropologia*, 56: 1-220.
2007 Fronteiras geográficas, étnicas e culturais envolvendo os Kaingang e suas lideranças no Sul do Brasil (1889-1930). *Pesquisas, Antropologia*, 64: 1-343.
- LEITE, A.G. de O. (Org.)
1994 *Kaingang: confronto cultural e identidade étnica*. Piracicaba: UNIMEP.
- MARCON, T. (Org.)
1994 *História e cultura Kaingang no Sul do Brasil*. Passo Fundo: Graf. Ed. Universidade de Passo Fundo.
- MENTZ RIBEIRO, P.A.
1999-2000 A tradição Taquara e as casas subterrâneas no sul do Brasil. *Revista de Arqueologia Americana*, México, 17, 18 e 19: 9-49.
- MENTZ RIBEIRO, P.A.; RIBEIRO, C.T.
1985 Levantamentos arqueológicos no município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista do CEPA*, 12 (14): 49-105.
- MONTOYA, A.R.
1951 Carta Anua do Pe. Antonio Ruiz de Montoya, superior da missão do Guairá, dirigida em 1628 ao Pe. Nicolau Durán, Provincial da Companhia de Jesus. In: *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640)*. Introdução, notas e glossário por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.
- MOTA, L.T.
1994 *As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang do Paraná (1769-1924)*. Maringá: EDUEM.
- MÜLLER, L.M.; SOUZA, S.M.
2011 Cremações e sepultamentos: as estruturas anelares do planalto. In: Carbonera, M.; Schmitz, P. I. (Orgs.). *Antes do Oeste Catarinense. Arqueologia dos Povos Indígenas*. Chapecó, ARGOS: 269-305.
- NEVES, W.A.
1988 Paleogenética dos grupos pré-históricos do Litoral Sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina). *Pesquisas, Antropologia*, 43:1-178.
- NOELLI, F.S.
2004 O mapa arqueológico dos povos Jê no Sul do Brasil. In: Tommasino, K.; Mota, L.T.; Noelli, F. S. (Orgs.) *Novas contribuições aos estudos interdisciplinares Kaingang*. Londrina, EDUEL: 17-51.
- NONNENMACHER, M.S.
1995 O índio Kaingang no Rio Grande do Sul frente à sociedade brasileira em expansão (século XIX). Dissertação de mestrado, Porto Alegre: PUCRS.
- PIAZZA, V.F.
1966 As grutas de São Joaquim e Urubici. Notas de Pesquisa. Florianópolis: UFSC, Instituto de Antropologia, Série Arqueologia 1.
1969 A área arqueológica dos 'Campos de Lages'. *Publicação Avulsa Museu Paraense Emílio Goeldi*, 15: 63-74.
- REIS, M.J.
2007 *Problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto catarinense*. Erechim: Habilis.
- ROGGE, J.H.; SCHMITZ, P.I.
2009 Pesquisas arqueológicas em São Marcos. *Pesquisas, Antropologia* 67:23-132.
- ROHR, J.A.
1959 Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina. *Pesquisas*, 3:199-266.
1969 Petroglifos na Ilha de Santa Catarina. *Pesquisas, Antropologia*, 19:1-30.
- SALDANHA, J.D.M.
2005 Paisagem, Lugares e Cultura Material: Uma Arqueologia Espacial nas Terras Altas do Sul do Brasil. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre: PUCRS.
- SANTOS, S.C.
1970 A integração dos índios na sociedade regional. Florianópolis: UFSC.
- SCHMITZ, P.I.
1988 Tradições ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos*, 2:75-130.
2011 A ocupação indidena do oeste catari-

- nense. In: Carbonera, M.; Schmitz, P. I. (Orgs.) *Antes do Oeste Catarinense. Arqueologia dos Povos Indígenas*. Chapecó, ARGOS: 73-104.
- SCHMITZ, P.I.; BASILE BECKER, I.I.; LA SALVIA, F.; LAZZAROTTO, D.; MENTZ RIBEIRO, P.A.
1988 Pesquisas sobre a Tradição Taquara no Nordeste do Rio Grande do Sul. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos*, 2:5-74.
- SCHMITZ, P.I.; VERARDI, I.; DE MASI, M.A.; ROGGE, J.H.; JACOBUS, A.L.
1993 O sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma aldeia da tradição ceramista Itararé. *Pesquisas, Antropologia* 49:1-181.
- SCHMITZ, P.I.; VERARDI, I.
1996 Cabeçudas: um sítio Itararé no Litoral de Santa Catarina. *Pesquisas, Antropologia* 53:125-169.
- SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; ROSA, A.O.; BEBER, M.V.; MAUHS, J.; ARNT, F.V.
2002 O projeto Vacaria: casas subterrâneas no Planalto Rio-Grandense. *Pesquisas, Antropologia*, 58:11-105.
- SCHMITZ, P.I.; ARNT, F.V.; BEBER, M.V.; ROSA, A.O.; ROGGE, J.H.
2009 Taió, no vale do Rio Itajaí, SC. O encontro de antigos caçadores com as casas subterrâneas. *Pesquisas, Antropologia*, 67:185-320.
- SCHMITZ, P.I.; ARNT, F.V.; BEBER, M.V.; ROSA, A.O.; FARIAS, D. S. de
2010 Casas subterrâneas no planalto de Santa Catarina: São José do Cerrito. *Pesquisas, Antropologia*, 68:7-78.
- SCHMITZ, P.I.; BEBER, M.V.
2011 Em busca dos antepassados dos índios Kaingang. In: Carbonera, M.; Schmitz, P. I. (Orgs.) *Antes do Oeste Catarinense. Arqueologia dos Povos Indígenas*. Chapecó, ARGOS: 243-268.
- SILVA, S.B. da; SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; DE MASI, M.A.N.; JACOBUS, A.L.
1990 O sítio arqueológico da Praia da Tapera: um assentamento Itararé e Tupiguarani. *Pesquisas, Antropologia*, 45:1-210.
- TOMMASINO, K.
1995 A história dos Kaingang da bacia do Tibagi: uma sociedade Jê Meridional em movimento. Tese de doutorado, São Paulo: USP.
- URBAN, G.
1992 A história da cultura brasileira segundo as línguas indígenas. In: Cunha, M.C. da (Org.) *História dos índios do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 87-102.
- WIESEMANN, U.
1978 Os dialetos da língua Kaingang e o Xokleng. *Arquivos de Anatomia e Antropologia, III*. Rio de Janeiro, Instituto de Antropologia Prof. Souza Marques: 197-217.

Recebido para publicação em 24 de maio de 2011.